

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº139 - MARÇO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME IX

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

139



FLÁVIO DUTKA

SALVE-SE QUEM PUDER - QUEM PODE? **Globalização e Felicidade Humana**

Monica Lopes Folena Araújo, Nina Cátia Alexandre
Cavalcante, Sid Orleans Cruz, José Joaquim
Pereira Da Silva



Monica Lopes Folena Araújo,

Nina Cátia Alexandre Cavalcante, Sid Orleans Cruz , José Joaquim Pereira Da Silva

Professora do Depto de Biologia – UFRO, SENAC

folenaaraujo@aol.com nina@ro.senac.br, sid.cruz@uol.com.br

SALVE-SE QUEM PUDER – QUEM PODE? Globalização e Felicidade Humana

Aristóteles: “ Parece que a felicidade, mais do que qualquer outro bem, é tida como este bem supremo, pois a escolhemos sempre por si mesma, e nunca por causa de algo mais, mais que as honorarias, o prazer, a inteligência e todas as outras formas de excelência, embora as escolhamos por si mesmas (escolhê-la-íamos, ainda que nada resultasse delas), escolhemo-las por causa da felicidade, pensando que através delas seremos felizes ”.

Nosso interesse em analisar acerca dos aspectos sociais da globalização e suas conseqüências na felicidade humana se deu a partir da leitura do texto “SALVE-SE QUEM PUDER! MAS QUEM PODE? – O desaparecimento da classe média e a ascensão dos sedutores extremistas”, no capítulo intitulado “A TRAIÇÃO DAS ELITES: O Brasil como modelo mundial”. O referido capítulo retrata a vida de moradores do condomínio fechado Alphaville, situado a oeste da grande São Paulo, que se consideram pessoas felizes por viverem nesse sistema de moradia que consideram um verdadeiro paraíso.

A visão de paraíso apresentada por esses moradores é a de “uma grande área, equivalente a 44 campos de futebol, rodeada de muros de vários metros de altura, equipada de focos de prospecção e sensores eletrônicos, que reagem a cada movimento: um ideal local de fuga para os habitantes da metrópole que temem os criminosos, para aqueles que querem viver como as famílias médias da Europa – ou de regiões ainda mais prósperas dos Estados Unidos – sem terem de se render à realidade social de seu próprio país.”

Um outro aspecto mencionado pelos moradores diz respeito à segurança oferecida pelo sistema de condomínio fechado. Trata-se de “um sistema perfeito, um lugar no qual crianças com menos de 12 anos de idade, sem a companhia do encarregado de educação não podem transpor a grade de aço da entrada; menores só o podem fazer com a autorização expressa dos pais”.

A felicidade é portanto retratada por esses moradores como algo externo ao ser humano, enquanto que as bibliografias sobre a felicidade com as quais temos entrado em contato, referem-se à felicidade como uma “certa atividade da alma conforme a excelência humana perfeita”. Verificamos dessa forma, que na visão de Aristóteles, a felicidade está relacionada à satisfação de sentimentos essenciais, enquanto que para os moradores do referido condomínio essa felicidade se alicerça em signos palpáveis produzidos pelo mercado comercial, amplamente referendados pela mídia, como possuidores de atributos de prazer, de satisfação, de status social e porque não dizer de felicidade. Apesar das diferenças conceituais, ora apresentadas, percebemos que há um ponto em comum. Em todos os tempos consolida-se a crença de que a felicidade é “um bem supremo que todos almejam alcançar”.

Nessa perspectiva definem-se como objetivos de nosso estudo: 1. Geral:

- Compreender o sentido da felicidade nos dias de hoje, face aos atravessamentos culturais de uma sociedade globalizada, voltada para a cultura do consumo, verificando o posicionamento individual de entrevistados que residem em condomínios fechados, de classe média alta na cidade de Porto Velho.

2. Específicos:

- a. Investigar se os referenciais de felicidade humana se pautam em motivações externas ou internas à alma.
- b. Investigar a interferência das horas dedicadas ao trabalho no relacionamento familiar.
- c. Identificar a(s) razões das pessoas optarem por um sistema de moradia em condomínio fechado.
- d. Relacionar a possibilidade de maior segurança com a opção das pessoas por residirem em condomínio fechado.
- e. Alencar quantitativamente os aspectos positivos e negativos da globalização na felicidade das pessoas.
- f. Verificar a relação feita pelos entrevistados entre educação e felicidade.

Greenwood (1965) diferencia três métodos de investigação: o experimental, o de medida ou análise extensiva e o de casos ou intensivo. Neste processo de estudo, optamos pelo método extensivo que é o mais utilizado na observação dos fatos. O recurso do qual nos servimos para investigar acerca da influência dos valores sociais da globalização e suas conseqüências na felicidade humana, foi a aplicação de um questionário a residentes de condomínios fechados na cidade de Porto Velho. Esse instrumento nos permitiu efetuar a coleta de informações da forma mais prática e objetiva possível, considerando a disponibilidade de tempo dessas pessoas para responderem às nossas perguntas.

Temos claro que a metodologia não constitui uma receita geradora de cientificidade, mas que pelo contrário, é a própria lógica do ato investigativo. Por isso, o conceito de metodologia que defendemos é essencialmente o da organização crítica das operações técnicas de investigação (Almeida e Pinto, 1995). Dessa forma, a revisão de literatura que utilizamos mostrou-se um instrumento bastante adequado tanto no que concerne a contribuir na seleção dos valores sociais da globalização que precisariam estar presentes em nossas questões por se constituírem em referenciais da felicidade humana, quanto no que diz respeito ao que nos acrescentaram em termos de conhecimento e de riqueza conceitual para que pudéssemos desvendar e compreender de modo mais objetivo as respostas emitidas pelas pessoas.

A nossa preocupação e interesse no estudo dessa problemática orienta-se na tentativa de articulação dos referenciais teóricos com as hipóteses, a partir das quais a situação dos efeitos dos valores sociais da globalização na felicidade humana foi analisada, já que concordamos ser este um dos pontos fortes do texto. Imbuídos nesse espírito, procuramos mais o sentido das coisas que propriamente explicações em nossa investigação.

Assim, ao abordarmos essa problemática, procuramos encontrar respostas para as seguintes questões:

1. Será que os valores sociais da globalização tornam as pessoas felizes ou infelizes?
2. Terá a globalização afetado a vida pessoal e profissional das pessoas?

3. Será razoável pensar que o principal motivo das pessoas residirem em condomínios é escapar da violência acentuada pela globalização?
4. Será o conceito das pessoas positivo ou negativo em relação à influência da globalização na felicidade humana?
5. Até que ponto podemos sustentar que, na opinião das pessoas, educar para o sucesso profissional mais que educar para qualquer outro aspecto é garantia de felicidade?
6. Terá fundamento pensar que a felicidade é atualmente encontrada em fatores externos à alma como o demonstrado pelos residentes do condomínio citado no texto?
7. De que forma os valores sociais da globalização respondem aos sentimentos essenciais do ser humano?

A pesquisa "A influência da globalização na felicidade humana", utilizada como recurso para obtenção de dados elucidativos sobre o estudo do tema proposto, teve como participantes 42 entrevistados residentes em condomínios fechados de classe média alta na cidade de Porto Velho, destes entrevistados, 29 são do sexo feminino e 13 do sexo masculino. Do total de participantes, 22 encontram-se na faixa etária de 31 a 40 anos de idade, 08 deles possuem de 21 a 30 anos, 03 deles encontram-se na faixa etária de 15 a 20 anos, 05 deles possuem de 41 a 50 anos e 03 pessoas estão com mais de 51 anos. Registramos a seguir o conjunto de conclusões resultantes da tabulação dos dados da referida pesquisa:

1. Grande parte dos entrevistados possui uma carga horária de trabalho muito intensa, mas ainda dedicam parte considerável do seu tempo à convivência familiar.

Ao analisarmos a situação dos entrevistados com relação a quantidade de horas trabalhadas diariamente, verificamos que 42,85% deles dedicam mais de 08 horas ao trabalho, 80,95% são casados, 61,9% possuem de 02 a 03 filhos, 64,28% dedicam mais de 02 horas por dia e todos os finais de semana à família. Estes dados nos revelam que apesar da mutação radical que vem ocorrendo na vida das pessoas, por conta da globalização, fato este apresentado por diversos autores (IANNI, 1997 e SOUZA, 2000) ainda assim, os sentimentos essenciais dos entrevistados demonstram estarem fortalecidos.

2. A maioria dos entrevistados deposita nos sentimentos essenciais do ser humano a fonte de sua felicidade

Quando indagados acerca do significado da felicidade, 76,19% dos entrevistados envolvidos responderam ser a convivência familiar o fundamento de tal sentimento, 40,47% a realização amorosa, 35,71% o sucesso financeiro, e em quarto lugar o sucesso profissional com 28,57%. Cabe-nos ressaltar que os dados apresentados referem-se apenas aos maiores índices obtidos em cada item em uma escala de um a quatro.

Verificamos que 88,09% das pessoas consideram-se felizes. A pesquisa mostra, na sua única questão dissertativa, que os referenciais que confirmam tal resposta têm por base questões relacionadas principalmente ao convívio familiar e saúde, seguida da aquisição de bens materiais.

Em relação a educação para a felicidade, constatamos que 35,71% acreditam que educar para constituir uma família consiste na mola mestra para atingir a felicidade futura. Por outro lado, 28,7% da população entrevistada acredita que educar para combater mecanismos que levam à alienação sócio-política e cultural seja a base para o mesmo fim.

Diante do exposto, fica claro que a felicidade humana está relacionada a sentimentos puramente essenciais e não a referenciais externos trazidos pela globalização, tais como: consumismo, competitividade, superficialidade dos relacionamentos, status e fetichismo.

Os resultados, com que nos deparamos em nossa pesquisa, encontram apoio na sabedoria do filósofo Aristóteles. Na sua obra intitulada "Ética a Nicômacos", ao refletir acerca da felicidade humana, trata de relacioná-la com o estado de excelência humana. Afirma desta forma que "a excelência humana significa, a excelência não do corpo, mas da alma, e que a felicidade é uma atividade da alma".

Apesar destes resultados nos surpreenderem, precisamos também registrar o quanto nos alimentam em esperança e entusiasmo, considerando que "se encontram nos sentimentos essenciais do ser humano a marca da resistência aos valores da cultura do consumo e conseqüentemente a fonte de energia capaz de "salvar a condição humana do seu próprio deperecimento" (Adorno,1995). Ainda, segundo Adorno, resistir aos valores sociais da globalização e mais especificamente aos da cultura do consumo, significa movimentar-se de forma contrária às possibilidades de expansão da "consciência coisificada", a qual se refere da seguinte forma: "...No começo as pessoas desse tipo se tornam por assim dizer iguais a coisas. Em seguida, na medida em que o conseguem, tornam os outros iguais a coisas."

3. Escapar à violência urbana estimulou as pessoas a residirem em condomínios fechados.

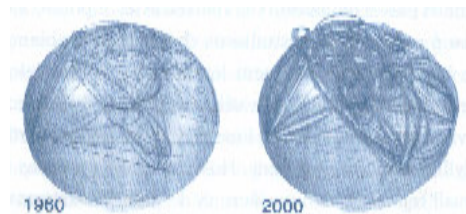
Dentre os entrevistados, 88,09% afirmam que a segurança é o fator preponderante e fundamental para a sua escolha, enquanto que 28,57% asseguram necessitar de privacidade. Nas palavras de Thomaz Wood, ao se referir à globalização e hipercompetição, "outra dimensão da crise é também algo de que todo o mundo fala o tempo todo: a violência urbana. As saídas procuradas são o carro blindado, o apartamento em lugar da casa e a colocação de grades e cercas. O paulistano, como outros brasileiros, vive hoje dentro de bolhas, sempre fechado, pois o carro é uma bolha, assim como o apartamento, o shopping center e o resto."

Um outro dado encontrado na pesquisa, que confirma a afirmação exposta, no que diz respeito à relação existente entre violência urbana e globalização, refere-se ao fato de encontrarmos um percentual de pessoas estipulado em 59,5% que confirmaram, como escolha, caso o nosso município fosse totalmente seguro e sem nenhuma ou pouquíssima criminalidade, morar em ambientes abertos (casas, chácaras). Concluímos assim que, na medida em que é superado o problema da segurança, a grande opção dos entrevistados é pela liberdade, que se constitui em mais um sentimento essencial de toda a humanidade.

4. Como fator positivo, a globalização é apresentada como instrumento voltado a encurtar distâncias, ampliar a rede de relacionamentos humanos e elevar o nível cultural dos entrevistados.

Pode-se perceber uma clara divisão de opinião relativa aos aspectos positivos e negativos da influência da globalização na felicidade humana. Dentre os entrevistados, 59,52% acreditam que este processo mundial é positivo à felicidade por facilitar o acesso ao conhecimento, enquanto que 45,23% utilizam-se da mesma opinião por reconhecer o acesso às novas tecnologias e à facilidade de relacionar-se através do encurtamento das distâncias. Posições como estas encontradas em nossa pesquisa, nos são confirmadas através dos estudos de Thomaz Wood, 2002, ao tratar de mais uma das características do processo que chamamos de globalização. O autor salienta que “esse alto grau de conexão tornou o sistema muito mais complicado de operar. O que antes era um sistema com partes mais isoladas, que se controlavam localmente (sistema político, social, cultural, empresarial, etc.), agora é um todo, com múltiplas conexões. Assim, qualquer coisa que aconteça no outro lado do mundo logo se propaga por todo o globo porque a conexão é enorme. É claro, o transporte de passageiros e o número de ligações telefônicas são apenas dois exemplos. Fenômeno similar acontece com os fluxos financeiros, o transporte de matérias primas e produtos acabados, etc. Há séculos que esta conexão vem crescendo, mas nos últimos anos aumentou exponencialmente.”

Apresentamos, a seguir, uma figura que retrata a conectividade no mundo relacionada ao tráfego aéreo de passageiros e ligações telefônicas registrados pela National Geographic, no período de 1960 e 2000.



Conectividade no mundo 1960 e 2000. In: Thomaz Wood (2002) p. 15.

Ainda em relação a este aspecto e confirmando a situação exposta acima, registramos a posição de Milton Santos, 1994, ao referir que “ a aceleração contemporânea impôs novos ritmos ao deslocamento dos corpos e ao transporte das idéias mas, também, acrescentou novos itens à história. Junto com uma nova evolução das potências e dos rendimentos, com o uso de novos materiais e de novas formas de energia, o domínio mais completo do espectro eletromagnético, a expansão demográfica (a população mundial triplica entre 1650 e 1900 e triplica mais uma vez entre 1900 e 1984), a explosão urbana e a explosão do consumo também evoluiu o crescimento exponencial do número de objetos e do arsenal de palavras. Mas, sobretudo, causa próxima ou remota de tudo isso, a evolução do conhecimento, maravilha do nosso tempo que ilumina ou ensombrece todas as facetas do acontecer.”

5. Os resultados negativos da globalização ressaltados no trabalho demonstram a consciência dos entrevistados em relação ao Apartheid Social, à elevação dos níveis de desemprego e ao incentivo à posse de objetos descartáveis.

Muitos dos entrevistados apresentaram apenas pontos positivos dos efeitos da globalização na felicidade humana, outros apenas os pontos negativos e alguns se expressaram de ambas as formas. Dentre os que destacaram aspectos negativos, 42,85% relataram que a globalização aumenta a exclusão social das pessoas de baixa renda, o que nos é confirmado através dos referenciais teóricos de Robert Wright (2001), ao apresentar dados de estudo da Century Foundation, que mostra, por exemplo, que os 10% mais pobres da população do planeta aumentaram sua fatia na renda mundial de 0,3% para 0,5% , entre 1995 e 1997, enquanto que os 10% mais ricos ampliaram sua participação de 50,6% para 59,6%. Por esses números, verifica-se o quanto é patético o aumento de crescimento da renda da população mais pobre, mesmo sabendo-se que houve crescimento.

Dando continuidade a análise da pesquisa, 28,57% enfatizaram o desemprego e o estímulo ao consumismo como fatores negativos. Citando Thomaz Wood, 2002, em geral pinta-se de cor de rosa o quadro da globalização. Diz-se que é uma coisa boa, está mudando o Brasil, coloca em alcance do consumidor maior variedade de produtos, etc. Parece que estamos evoluindo no meio de carros melhores, mais seguros, bonitos e rápidos. Mas este processo tem outro lado, muito delicado e nada brilhante: o da desigualdade, da crise. Parafrazeando Solange Jobim e Souza (2000), ao se referir às bases que fundamentam e fortalecem o sistema capitalista, que nada mais é do que passagem de uma ordem social produtiva para uma ordem social reprodutiva, que possui em seu cerne a cultura do consumo, "objetos e coisas são com freqüência utilizados para demarcar relações sociais, estilos de vida, hábitos e preferências entre as pessoas. As relações entre as crianças e também entre os adultos e as crianças, são demarcadas pela "cultura das coisas, ou seja, pelos bens materiais e simbólicos que circulam entre nós, originando noções de bem-estar, felicidade, prazer, e também o seu oposto, a infelicidade e o desprazer. "

Outro aspecto sobre o qual não podemos deixar de refletir, diz respeito à própria evolução das contradições do sistema capitalista que se fortalece na medida e na dinâmica do avanço tecnológico, tornando possível produzir-se cada vez mais em menos tempo e com acentuada redução da mão-de-obra, ou seja, prescindindo-se cada vez menos do trabalhador e necessitando-se cada vez mais de consumidores. Ainda no que tange a este contexto, a autora citada enfatiza que "a economia da descartabilidade tomou lugar da economia da permanência, tornando mais vantajoso substituir do que consertar, onde o novo fica velho no instante em que tomamos posse da mercadoria. A imagem da felicidade do homem atual está, portanto, indissolúvelmente relacionada à posse de objetos descartáveis. Contudo não é difícil perceber que a expansão do consumismo não tem sido garantia da felicidade, pois permanecemos constantemente frustrados com os objetos que nunca coincidem com os sonhos que nos prometem."

Acreditamos no fato de que não há outro caminho para o Brasil resolver suas desigualdades sociais senão o da educação para elevar sua competitividade mediante a melhoria da sua tecnologia e maior modernização.

Como relata Nogueira (2000), "vivemos hoje um momento de evidentes transformações na sociedade, diretamente vinculadas ao que vem ocorrendo no mundo inteiro. A cada dia a chamada *globalização* vem impondo certos valores e preceitos nas mais diversas áreas da atividade humana".

Com certeza, o aspecto educacional também está envolvido neste processo, porém, se a escola for vista apenas como mais um meio social de veiculação de valores na vida das pessoas que por ela passa, encontrará seu limite na legitimidade que cada indivíduo e no que a própria sociedade lhe confere. Os alunos precisam ampliar sua capacidade de julgamento e a consciência de como realizar escolhas, para que se tornem cidadãos capazes de se posicionar e atuar em situações de conflito, como as impostas pela globalização.

Salve-se quem puder, mas quem pode? Acreditamos na premissa de que a educação voltada para a transformação social, como sugere Candau (1988), é o primeiro passo na busca da salvação. Redenção esta que consiste em buscar o equilíbrio para uma melhor convivência com o processo globalizador em que nos encontramos, para que nos tornemos parte da engrenagem e nela possamos interferir.

Parece-nos também fundamental o desenvolvimento local como forma de valorização de nossa cultura e, portanto, de nos mantermos vivos nesta máquina engenhosa. Melo (1995) afirma que torna-se necessário hoje adotar, de forma profunda e generalizada, a abordagem do desenvolvimento local nas sociedades contemporâneas e sugere algumas pistas para procurar reduzir a hegemonia generalizada da mercantilização corrente, que atropela os valores, os quais resgatam e fortalecem os sentimentos essenciais dos seres humanos e que, conseqüentemente, comprometem qualquer expectativa de felicidade.

Retomando Alberto Melo (1995) "o programa reduz-se a poucas linhas mestras: salvaguardar e recriar espaços de gratuidade e de produção de pequena escala, de base familiar ou comunitária; e redefinir espaços de bens públicos, da responsabilidade de poderes públicos democraticamente eleitos e controlados, aos vários níveis – desde o local ao mundial; travar e em seguida reduzir o agravamento das desigualdades; restaurar ou instaurar sistemas mútuos de solidariedade, redistribuição e proteção social; criar atividades e empregos a partir de necessidades básicas urgentes, das pessoas como do ambiente; garantir que as formas de produção e de vida respeitarão os recursos e os valores éticos da civilização."

Por fim, parafraseando Coutinho (2001) "o Brasil tem um longo caminho pela frente, mas tem também uma chance incrível". Nós também acreditamos nisto, que o nosso país ainda pode vir a ter uma sociedade rica, grande, justa e generosa como tanto merece.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, J. F. de; PINTO, J. M. **A Investigação nas Ciências Sociais**. Lisboa, Editorial Presença, 1995.
- CANAU, Vera Maria (org.). **Rumo a Uma Nova Didática**. Petrópolis, Vozes, 1988.
- IANNI, Octávio. **A História da Mundialização**. in: A Sociedade Global. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- MARTIN, Hans-Peter; CHUMANN, Harald. Salve-se Quem Puder! Mas Quem Pode? in: **A Armadilha da Globalização**. Lisboa, Terramar, 1999.
- NOGUEIRA, Ione da Silva. **A Violência nas Escolas e o Desafio da Educação Para a Cidadania**. in: O Direito a Ter Direitos. São Paulo, Autores Associados, 2000.
- RAMONET, Ignácio. **A Agonia da Cultura**. in: Geopolítica do Caos. Petrópolis, Vozes, 1998.
- SANTOS, Milton. **A Aceleração Contemporânea: Tempo-Mundo e Espaço-Mundo**. in: Técnica, Espaço, Tempo. São Paulo, Hucitec.
- WOOD, Thomaz. **Globalização e Hipercompetição: A sociedade das Organizações e o Desafio da Mudança**. São Paulo, CIEE, 2002.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Um olho se alegra,
um outro chora.
As horas prometem
passar devagar
e guardar sobre os móveis
as moscas de cada segundo.*

CARLOS MOREIRA